

## Cultura escolar católica, elitista e masculina

---

*A cultura escolar católica das ordens e congregações européias que se instalaram no Brasil, particularmente desde o final do século XIX, era marcada por traços burgueses e pela internacionalização de seus quadros, porque, naquele momento histórico, o catolicismo romanizado empreendia intensa expansão mundial. Os jesuítas, que retornam ao cenário educacional brasileiro, eram detentores de uma vigorosa tradição escolar moderna, fundada pela Ratio Studiorum, que previa diversas e sofisticadas estratégias educativas disciplinares para os alunos dos colégios da Companhia de Jesus*

**Norberto Dallabrida**  
Professor no Centro de Ciências da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina

---

Dito de maneira direta, este texto procura mostrar que o Ginásio Catarinense colocou em marcha uma cultura escolar burguesa, que foi, historicamente, inventada e reinventada pela Companhia de Jesus. Ela pode ser percebida nas práticas do colégio tais como o recorte e a ressignificação de saberes escolarizados do ensino secundário, o ritmo disciplinar do trabalho escolar e as atividades educativas complementares. O Ginásio Catarinense, localizado na capital de Santa Catarina (Florianópolis), fundado em 1905 e dirigido por padres jesuítas alemães, configurou-se como o principal estabelecimento de ensino secundário no território catarinense na primeira metade do século XX, pois ele tinha distinção social em relação aos outros educandários, sendo freqüentado especialmente por filhos de famílias abastadas, que pretendiam fazer curso superior e realizar carreiras profissionais exitosas.

Para desdobrar essa questão, é oportuno, inicialmente, refletir sobre o conceito de cultura escolar. Julia (2001) afirma que “o estudo das práticas escolares” está emergindo na recente historiografia da educação, procurando investigar o funcionamento interno das instituições escolares. O foco sobre a caixa-preta da escola numa perspectiva histórica demanda definição do que se entende por cultura escolar, que Julia (2001, p.10) sintetiza da seguinte forma:

Para ser breve, poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que

definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização).

A cultura escolar é um artefato histórico, inventado e reinventado a partir de tensões e concessões provisórias entre proposições cognitivas entranhadas de relações de poder. Desta forma, as instituições escolares operam recortes específicos no conhecimento gerado pela sociedade, de modo que, a partir de critérios políticos e culturais, alguns saberes são selecionados e ressignificados para uso escolar. A “elaboração didática” é processada por meio de um conjunto de dispositivos como o ementário, os programas de ensino – que organizam os conteúdos culturais escolarizados em unidades –, as apostilas ou livros didáticos e materiais escritos ou iconográficos diversos utilizados nas “disciplinas-saber”. Ela envolve também a escolha de estratégias de transmissão e avaliação do conhecimento escolar como o controle do tempo e do espaço, o incitamento ao trabalho regular, o sistema de avaliação, a adoção de prêmios e de castigos, que concorrem para o disciplinamento e a auto-regulação das condutas. Na urdidura do cotidiano escolar, o conteúdo e a forma do “currículo posto” são recriados pelas práticas dos corpos diretivo e docente, mas também pela intervenção dos estudantes.<sup>1</sup>

Para pensar o Ginásio Catarinense, um colégio jesuítico, é de grande valia o conceito de “cultura escolar católica” cunhado por Xavier de Brito (2005) para compreender o Colégio Sion – localizado no Rio de Janeiro e dirigido pela Congregação de Notre Dame de Sion, ordem católica de ascendência francesa – entre 1920 e 1970. A cultura católica é diagnosticada no Colégio Sion no tocante à origem social do seu corpo dirigente e docente, formado por freiras geralmente oriundas de famílias abastadas e aburguesadas, que concediam uma educação distinta aos seus filhos. Na Congregação de Notre Dame de Sion, as moças que se tornariam freiras passaram a ter educação refinada de elite, o que pode ser percebido também pelo seu “caráter internacional”. Assim, as freiras do Colégio Sion do Rio de Janeiro tiveram circulação internacional, pois antes de se radicarem na capital brasileira elas estudaram e/ou trabalharam em cidades européias, asiáticas e americanas.

O conceito de cultura escolar católica<sup>2</sup> é construído, sobremaneira, a partir da leitura das estratégias curriculares implementadas no cotidiano do Colégio Sion do Rio de Janeiro. Nesta direção, Xavier de Brito (2005, p.20-21) aproxima cultura católica e cultura burguesa ao afirmar:

Há muitos traços comuns às duas: a tensão e a coação permanentes, a disciplina do corpo e dos instintos; a importância do detalhe que, segundo Foucault, “já era uma categoria da teologia e do ascetismo”; a pontualidade, a disciplina, a neutralidade, que integravam os ritos de deferência; a educação baseada no controle de si mesmo ou de sua dimensão interior, que visava ordenar as condutas individuais; “a ritualização do cotidiano, constitutiva da

---

<sup>1</sup> Sobre o conceito de cultura escolar, ver Souza e Valdemarin (2005), entre outros.

<sup>2</sup> Sobre essa questão, ver também Kulesza (2004).

passagem da esfera privada à esfera pública” (Le Wita) e que deve ser apropriada pelas alunas até parecer natural.

A cultura escolar católica das ordens e congregações européias que se instalaram no Brasil, particularmente desde o final do século XIX, era marcada por traços burgueses e pela internacionalização de seus quadros, porque, naquele momento histórico, o catolicismo romanizado empreendia intensa expansão mundial. Os jesuítas, que retornam ao cenário educacional brasileiro, eram detentores de uma vigorosa tradição escolar moderna, fundada pela “Ratio Studiorum”, que previa diversas e sofisticadas estratégias educativas disciplinares para os alunos dos colégios da Companhia de Jesus (FOUCAULT, 1993; DALLABRIDA, 2001a). Com o retorno dos jesuítas à Europa, no início do século XIX, os mecanismos disciplinares previstos na “Ratio Studiorum” foram repensados e refinados para ajudar a construir a sociedade burguesa oitocentista. Contudo, o “método de ensino dos jesuítas” teve que se adaptar aos nascentes sistemas estatais de ensino, em que o Estado nacional procurava controlar os conteúdos culturais ensinados e os métodos de ensino utilizados nas escolas.

À luz das reflexões sociológicas de Xavier de Brito (2005) sobre um colégio feminino de elite, procura-se compreender a cultura escolar católica praticada no Ginásio Catarinense, dirigido por padres jesuítas e freqüentado exclusivamente por adolescentes homens geralmente oriundos das classes abastadas. Dessa maneira, deve-se considerar que o catolicismo romanizado transplantado para o Brasil, especialmente a partir do final do século XIX, ajudou a produzir a sociedade burguesa brasileira. No entanto, ele também ajudou a construir a generificação burguesa dos espaços e papéis (LOURO, 1997) que, grosso modo, determinava que aos homens cabia a ação na esfera pública enquanto que às mulheres era reservada a vida privada. O ensino secundário foi o nível de escolarização que mais contribuiu para produzir a cultura burguesa e plasmar a divisão escolar de gênero, pois somente ele habilitava e preparava para o ingresso nos cursos superiores e para atuar em postos de comando na sociedade.

---

### *Saberes sofisticados*

---

No mínimo até meados do século XX, o ensino secundário foi um nível de escolarização elitista, sendo freqüentado pelos filhos das classes dominantes e frações das classes médias. Havia um fosso entre o ensino secundário “tradicional” e propedêutico e os cursos técnico-profissionalizantes – comercial, agrícola e industrial – bem como o curso normal, que preparavam os alunos para o ingresso imediato no mercado de trabalho e eram considerados um “ensino de segunda classe”. Esse dualismo escolar pós-curso primário somente começou a ser quebrado na década de 1950, quando foram aprovadas as primeiras leis que viabilizavam a equivalência dos cursos técnico-profissionalizantes ao ensino secundário. No entanto, a equivalência efetiva foi estabelecida pela Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, quando foi criado o “ensino médio”, que englobava tanto o ensino secundário “tradicional” como o ensino profissionalizante (PILETTI, 1987, p.68-72).

As “disciplinas-saber” do currículo oficial brasileiro do ensino secundário eram

formadas por conteúdos culturais afeitos às classes abastadas. No período republicano, tratava-se de saberes sofisticados tanto na área das humanidades, que envolvia amplo conhecimento de línguas estrangeiras e do vernáculo, quanto em relação ao conhecimento científico, que não era ensinado somente de forma teórica, mas também utilizava experiências em laboratórios. Nos ginásios republicanos, o aluno que se formava no ensino secundário ganhava o título de “bacharel em ciências e letras”, enquanto que o estudante do mesmo nível de ensino no período imperial recebia o título de “bacharel em letras”. De qualquer forma, no mínimo até meados do século XX, os saberes ensinados no ensino secundário eram sofisticados e acessíveis a uma parcela muito restrita da população brasileira e catarinense.

No Ginásio Catarinense ensinava-se a língua portuguesa castiça, cultivada pelas classes abastadas e refinadas, muito diferenciada do português falado pelas classes populares urbanas ou pelos camponeses. Nas primeiras décadas de funcionamento do colégio, pelo fato de boa parte dos padres jesuítas serem alemães, a direção do estabelecimento contratou professores leigos residentes em Florianópolis e geralmente de ascendência luso-brasileira para ministrar a disciplina de Português. Segundo Edmundo Acácio Moreira, aluno do colégio na década de 1910, o Ginásio Catarinense estimulava a aprendizagem da redação correta e criativa. No seu depoimento, diz ele:

O ensino lá no Colégio [Ginásio] Catarinense era forte e principalmente se fazia muito empenho no português, tanto que todos os alunos, os que saíam do Ginásio Catarinense escreviam muito bem. Faziam muito empenho na linguagem, no português, escrever bem. Esses alunos que saíram de lá escreviam bem. Todos escreviam bem e isso impressionava muito nos exames vestibulares (MOREIRA, 1978, p.5).

A aprendizagem da escrita gramatical da língua portuguesa era realizada também pela publicação de textos de alunos nos relatórios anuais do Ginásio Catarinense, em jornais escolares e mesmo em livro. Desde o primeiro ano de funcionamento e de forma regular, o Ginásio Catarinense publicava no final de cada ano letivo o relatório de suas atividades escolares<sup>3</sup>, que era composto por informações diversas, entre as quais notícias da direção, classificação dos alunos, crônica do colégio e os chamados “relatórios específicos”, que versavam sobre temas específicos como internato, externato, festas e teatros, congregações marianas, onde constam artigos assinados por alunos. Os estudantes criaram, em diferentes momentos, jornais escolares como “Ipiranga”, “A Retaguarda”, “A Semana” e “O Colegial – órgão dos alunos do Colégio Catarinense”. Este último foi criado no início de 1945, tinha edição mensal, teve vida mais longa que os anteriores e, como registrou o cronista do colégio, “provocou a eclosão de muita vocação jornalística, mesmo nos primeiros anos” (RELATÓRIO, 1945, p. 24). Em 1937 foi publicada uma coletânea de textos de alunos do Ginásio Catarinense intitulada “Esperanças Catharinenses”, que incentivou a escrita discente (GYMNASIO, 1937, p.61).

O caráter elitista e burguês do Ginásio Catarinense pode ser ainda melhor constatado em relação ao ensino de línguas estrangeiras. Nos primeiros anos de funcio-

---

<sup>3</sup> Agradeço a Rogério Luiz de Souza o empréstimo de relatórios do Ginásio Catarinense publicados nas décadas de 1930 e 1940.

namento do colégio, ensinava-se francês, inglês, alemão, latim e grego, o que indica transmissão de rico e diversificado “capital lingüístico” (BOURDIEU, 1998, p.39-64). As línguas clássicas européias que serviram de distinção cultural sobretudo desde o Renascimento, particularmente presentes nos colégios jesuíticos, ainda conferiam refinamento estético às classes dominantes brasileiras no início do século XX. O grego foi ensinado somente até 1913, quando, com a desoficialização do ensino secundário, os jesuítas do Sul do Brasil suprimiram-no do currículo escolar de seus ginásios. A língua de Aristóteles não voltaria a ser ministrada no Ginásio Catarinense até meados do século XX, pois as reformas do ensino secundário não a contemplariam mais no currículo do ensino secundário. Por outro lado, o latim foi ensinado de forma permanente em duas ou três séries do curso fundamental do ensino secundário. No entanto, na Lei Orgânica do Ensino Secundário de 1942, a língua latina passou a ser seriada em todas as séries do curso ginásial e do curso clássico, sendo suprimida somente no curso científico (PILETTI, 1987, p.63).

Francês, inglês e alemão eram ensinados regularmente nas primeiras décadas de funcionamento do Ginásio Catarinense, mas tiveram diferentes desfechos em meados do século XX, em face aos jogos de poder na conjuntura internacional. A língua de Goethe era obrigatória no currículo do ensino secundário brasileiro no início do século XX, mas os padres jesuítas alemães valorizam-na ainda mais por meio de cursos complementares facultativos oferecidos aos alunos do colégio até 1917, quando eles foram suspensos em função do clima antigermanista da Primeira Guerra Mundial. A valorização da língua alemã fica clara no texto “Por que estudar a língua alemã”, publicado na obra “Vocabulário para a Leitura escolar alemã”, do padre Pedro Shroth, professor do Ginásio Catarinense. Entre outros argumentos, ele afirma que “a língua alemã é a chave de ouro [sic] que abre as portas de todas as ciências e literaturas” (SCHROTH, 1929). Na Reforma Francisco Campos (1931), a disciplina Alemão tornou-se facultativa e, durante a Segunda Guerra Mundial, foi suprimida do currículo do ensino secundário brasileiro.

Nas primeiras décadas do século XX, à luz do currículo oficial do ensino secundário brasileiro, a língua francesa tinha precedência sobre as outras línguas européias modernas no Ginásio Catarinense. Ela fazia parte do francesismo dominante entre as elites brasileiras desde longa data, mas foi reapropriada pela burguesia emergente no final dos oitocentos, permanecendo como a língua culta e elegante no mínimo até meados do século XX. Na Lei Orgânica do Ensino Secundário (1942), o Francês foi seriado em todas as séries do curso ginásial e presente nas duas primeiras séries do curso colegial, o que indica valorização da língua e da cultura francesa no sistema de ensino brasileiro. Nesse período, o inglês tinha menos importância, mas sempre integrou o currículo como disciplina obrigatória em alguns anos da seriação ginásial.

A presença marcante das línguas faladas nos países europeus hegemônicos na primeira metade do século XX – França, Inglaterra e Alemanha – no currículo oficial brasileiro e no cotidiano do Ginásio Catarinense indica a opção pelo ensino secundário moderno, que se impôs no mundo ocidental desde o final do século XIX. É importante sublinhar que a aquisição escolar deste “capital lingüístico” era própria do ensino secundário, que preparava para o ingresso nos cursos superiores, em que muitos deles utilizavam livros em línguas estrangeiras, especialmente em francês. Desta forma, a aprendizagem da língua portuguesa castiça e de línguas vivas européias faladas nos principais países europeus conferia aos alunos secundaristas acúmulo de

capital cultural burguês, que ajudava a viabilizar a verticalização da escolarização em nível superior e/ou a ter profissões de destaque na sociedade.

O ensino de línguas vivas contemplava também o estudo de suas produções literárias, cujos livros ou excertos eram lidos e trabalhados na sala de aula. Essa atmosfera cultural sofisticada também era construída pelas disciplinas História, Geografia e Filosofia, que tiveram espaço regular no Ginásio Catarinense. Nas primeiras décadas do século XX, essas disciplinas tinham um caráter eurocêntrico, devido à influência francesa no currículo do ensino secundário brasileiro e à ascendência germânica dos padres jesuítas que formavam a maioria do corpo dirigente e docente do colégio. Nesse momento histórico, os descendentes de imigrantes europeus tiveram visibilidade em Santa Catarina, notadamente os teuto-brasileiros, que formavam boa parte das elites econômicas estaduais. Contudo, nas décadas de 1930 e 1940, os conteúdos culturais das “disciplinas-saber” passaram a valorizar mais a brasilidade, como parte integrante do nacionalismo colocado em marcha no Brasil nesse momento histórico, em especial durante o Estado Novo.

Por outro lado, o Ginásio Catarinense proporcionou aprendizagem consistente de conhecimentos matemáticos, físicos, químicos e biológicos, realizada por padres-professores com sólida formação científica e com o auxílio de laboratórios de Química e Física e pelo Museu de História Natural. Segundo Aires (2006, p.156-158), os padres jesuítas alemães da Província Sul-Brasileira – que englobava os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina – tinham uma “tradição científica” consistente. Na área das Ciências Naturais destacaram-se os padres Godofredo Schrader e Max Krause, que foram pesquisadores, autores de artigos científicos e de livros didáticos para o ensino secundário e professores de vários ginásios da Companhia de Jesus no Sul do Brasil. Padre Schrader, formado em Filosofia e Teologia na Faculdade do Colégio Santo Inácio de Valkenburg (Holanda), foi professor de Química no Ginásio Catarinense entre 1912 e 1942, quando produziu vários livros didáticos de Química, Física, Geometria, Cosmografia e Religião. Ele era considerado *primus inter pares* e uma autoridade nos estudos científicos, tendo ministrado, em janeiro de 1939, “curso de aperfeiçoamento de Física e Química”, no Ginásio Catarinense, para professores dos colégios jesuítas do Brasil (RELATÓRIO, 1939, p.69).

No ensino secundário brasileiro, o conhecimento científico passou a ser valorizado desde o final do século XIX, sendo tonificado a partir da Reforma Francisco Campos (1931). Na medida em que valorizava as Ciências Naturais, o Ginásio Catarinense, de certa forma, antecipou a ênfase que o currículo oficial brasileiro imprimiu aos saberes científicos. Em Santa Catarina, o clero romanizado em geral e os padres jesuítas alemães em particular, praticavam um catolicismo mais racionalizado, que procurava se contrapor às correntes científicas positivistas e/ou liberais. Por isso o padre-professor-cientista dos ginásios republicanos, especialmente aquele que pertencia ao clero regular, contrastava com a figura do clero secular de corte bacharelesco dos oitocentos. Os padres jesuítas destacavam-se pelo refinamento intelectual e preferência pela educação das elites clericais e leigas, como dirigentes de colégios de ensino secundário e universidades, tanto nos países europeus como no Brasil.

A Companhia de Jesus foi a primeira e principal congregação católica pós-medieval que teve uma rápida expansão global, pois na segunda metade do século XVI ela estava presente no continente europeu, em várias partes da Ásia e no Novo Mundo. Dessa forma, ela construiu um “caráter internacional”, de forma que os seus

membros deslocavam-se de um país a outro com facilidade e, por meio de eficiente correspondência institucional – as cartas ânuas –, os seus membros tinham informações da ação jesuítica em todas as partes do planeta. Quando os jesuítas retornaram ao cenário europeu, no início do século XIX, eles retomaram e aperfeiçoaram a sua perspectiva global. Em geral, os padres jesuítas de ascendência germânica que atuaram nos ginásios da Província Sul-Brasileira tinham estudado – especialmente Filosofia e Teologia – e/ou trabalhado em vários países antes de emigrar para o Brasil. Por exemplo, o padre David Muller, professor de inglês, “prefeito geral da disciplina” e secretário do Ginásio Catarinense entre 1917 e 1926, era suíço, realizou formação superior na Holanda e, antes de ensinar em vários colégios jesuíticos no Sul do Brasil, trabalhou em Portugal e nos Estados Unidos, como professor e tradutor (IN..., 1926, p.5-9).

Deve-se também assinalar que vários padres jesuítas da Província Sul-Brasileira produziram livros didáticos que eram utilizados nos colégios jesuíticos de ensino secundário do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. No Ginásio Catarinense foram elaborados, entre outros, os livros didáticos “Vocabulário para a leitura escolar alemã” (1929), pelo padre Pedro Schroth, “Compêndio de Química” (1932), pelo padre Godofredo Schrader, e “Hymnos e canções escolares” (1930), pelo padre Frederico Maute (DALLABRIDA, 2001b, p.128-131). Trata-se, efetivamente, de uma produção didático-pedagógica que muito concorria para ressignificar o currículo do ensino secundário oficial e indica o excelente nível de formação dos padres jesuítas que formavam a grande maioria do corpo docente do Ginásio Catarinense.

Enfim, os saberes escolares que compunham o currículo do ensino secundário brasileiro na primeira metade do século XX eram restritos a uma parcela da sociedade brasileira muito reduzida e privilegiada econômica e culturalmente. Tratava-se de conhecimentos lingüísticos e científicos refinados, direcionados às elites burguesas que se consolidavam no Brasil republicano e a pequenas frações das classes médias. Em Santa Catarina, nesse período histórico, o Ginásio Catarinense proporcionou aos seus alunos transmissão de saberes sofisticados, em boa medida devido à formação acadêmica sólida e eurocêntrica de seus padres-professores e ao caráter intelectual e internacional da Companhia de Jesus.

---

### *Habilidades distintas*

---

Como propôs Julia (2001), a cultura escolar é também formada por práticas que procuram interiorizar determinadas condutas nos estudantes, a partir dos propósitos político-pedagógicos das escolas. Em boa medida, as estratégias de transmissão e de avaliação dos saberes escolarizados concorrem para a fabricação de sujeitos específicos, que têm variado historicamente. O Ginásio Catarinense, dirigido pelos padres jesuítas, colocou em marcha um conjunto de mecanismos disciplinares da tradição educativa da Companhia de Jesus, definidos na “Ratio Studiorum”, tais como o trabalho sistemático, o controle do tempo, o esquadrinhamento do espaço, o exame periódico, a competição constante, a classificação e premiação. Essas peças da “maquinaria escolar” (VARELA e ALVAREZ-URÍA, 1991) eram cuidadosamente articuladas e azeitadas pelo corpo dirigente e docente do colégio com o intuito de for-

mar um estudante produtivo e obediente, que soubesse se auto-regular e ter espírito empreendedor. Esse *habitus* era próprio da burguesia, que, a partir do final do século XIX, passou se consolidar como classe dominante no Brasil.

A “maquinaria escolar” jesuítica do Ginásio Catarinense procurava educar muito mais por meio de mecanismos de incitamento do que através de formas de repressão. No cotidiano do colégio havia uma minuciosa articulação de estratégias didáticas com o intuito de estimular o trabalho intenso e produtivo de professores e alunos. Neste sentido, o padre prefeito – inspetor da disciplina dos alunos – fez o seguinte registro no relatório anual do colégio de 1914: “Na vida íntima do Ginásio, a nota fundamental, dominante, sempre sustentada, soa labor. Reforçam-na harmonicamente as que dizem estimulação e vigilância, e até as bem compassadas pausas do recreio” (GYMNASIO, 1914, p.16). O ritmo coletivo do colégio era jesuítico, em que o trabalho permanente, regular e pontual era valorizado, sendo recompensado nas diversas premiações. Nas práticas didáticas dessa instituição escolar circulava uma ética católica do trabalho, em que o “amor ao trabalho” era enaltecido como virtude cristã, enquanto a moleza e o ócio eram condenados.

A organização das forças do trabalho escolar regular era viabilizada pelo controle cronológico do tempo e pelo esquadrinhamento do espaço. O ano escolar era denso e contínuo, sendo coberto por aulas entre os meses de março e novembro, as quais eram ministradas de segunda-feira a sábado. Somente a partir da década de 1930, por decisão do sistema nacional de ensino, foram introduzidas as pequenas férias da metade do ano, que eram conhecidas como “férias de junho”. Os dias do ano letivo eram compostos por três aulas pela manhã e duas no período vespertino, de forma que entre uma aula e outra houvesse um intervalo de dez minutos. A duração das aulas era cronometrada pelo sineiro, que marcava o tempo urbano e fabril.

O corpo dirigente e docente do colégio também quadriculava o espaço ginásial, por meio da classificação dos alunos em regimes, divisões e classes, de modo que eles ocupassem lugares específicos. Os alunos eram separados, de acordo com a idade, em divisões: a primeira divisão reunia os maiores, que freqüentavam os dois últimos anos do ginásio, e a segunda divisão congregava os menores, que pertenciam aos três primeiros anos do curso secundário. Na seriação ginásial, os estudantes eram divididos em classes. Nas salas de aula, os lugares fixos nas carteiras eram determinados pelos regentes, e nos intervalos das aulas havia pátios específicos para cada divisão, sendo as divisões administradas pelos respectivos padres prefeitos. Os deslocamentos para os diversos ambientes eram feitos em filas, organizadas e vigiadas pelo corpo diretivo e docente.

O trabalho regular e obediente também era viabilizado pela “vigilância panóptica” (FOUCAULT, 1993), procurando investir sobre a totalidade da vida dos estudantes. O olhar sobre todos e cada um dos alunos buscava ver as suas atitudes em todos os espaços do colégio, como as salas de aula e os pátios, bem como nos diversos lugares da cidade. Nas salas de aula, a observação permanente era realizada pelo professor, que, destacado pelo estrado, poderia visualizar cada um dos alunos. Cada turma tinha um professor regente, cujo papel era “velar sobre o espírito da classe” e, para tanto, tinha o dever de controlar as faltas e as suas justificativas, as notas dos alunos e nomear o seu bedel. Cada divisão era guardada pelo seu padre prefeito, que procurava vigiar os seus alunos nos espaços específicos que eles freqüentavam, como o pátio e a sala de jogos. Enfim, o Ginásio Catarinense tinha o chamado

“Padre Prefeito”, agente responsável pela disciplina e chefe dos prefeitos de divisão, dos regentes e dos professores.

A vigilância dos estudantes também era realizada por meio de instrumentos de comunicação entre o Ginásio Catarinense e as famílias dos alunos, como o boletim e a caderneta escolar. Nas primeiras décadas da existência do colégio, os alunos externos recebiam um boletim quinzenal, em forma de cartão, que informava o comportamento e a aplicação de cada estudante, devendo ser assinado pelo regente da classe e pelo pai do aluno. Os cartões eram coloridos e suas cores indicavam o desempenho da conduta do aluno: rosa = excelente, 10 pontos; verde = muito bom, 9 pontos; azul = bom, 8 pontos; roxo = regular, 7/6 pontos; creme = não satisfatório, 5/4 pontos; e branco = mau, até 3 pontos. Para os alunos do internato esse controle era mais intenso, pois aos sábados eram divulgados os resultados referentes ao comportamento desempenhado por cada um deles durante a semana (DALLABRIDA, 2001b, p.169-170). No início da década de 1940, o Ginásio Catarinense introduziu o uso da caderneta escolar, que, segundo o cronista do colégio, era um meio que concorria para a produção escolar. No dia 30 de março de 1941, diz o cronista: “Tiraram-se os retratos para a caderneta escolar. Os alunos que fizeram tanta força para alcançarem a introdução da caderneta escolar, agora não estão nada contentes com a mesma, pois ela tornou-se **uma arma bastante eficaz contra a preguiça**, etc.” [grifo meu] (RELATÓRIO, 1941, p.68).

O incitamento ao trabalho constante era especialmente buscado por intermédio da “digna emulação”, estratégia didática prevista na “Ratio Studiorum” e colocada em prática no cotidiano do Ginásio Catarinense. A emulação era incentivada sutilmente nas classes ginásiais, estabelecendo um clima de constante superação entre todos os alunos, mas particularmente entre os internos e externos. A emulação estava ligada ao sistema de premiação, que concedia, solenemente, recompensas aos melhores alunos a cada bimestre e, em especial, no final do ano letivo. Havia duas categorias de prêmios: uma referia-se ao “procedimento” dos alunos e tinha como referência as divisões do corpo discente – maiores e menores. Assim, em cada divisão premiava-se o primeiro lugar, alguns “próximos ao premiado” e os “dignos de menção honrosa”. Os critérios de classificação de procedimento eram ligados à conduta dos discentes, como a pontualidade, regularidade, obediência ao regimento, empenho pessoal. A outra categoria levava em conta o desempenho intelectual dos alunos nas “disciplinas-saber”, concedendo prêmios de “aproveitamento”. Em cada classe do curso ginásial, premiavam-se os alunos “no conjunto das matérias”, destacando-se o primeiro lugar, o segundo prêmio e alguns “dignos de menção honrosa” e, em cada disciplina, o primeiro colocado e também aqueles dignos de menção honrosa. Em realidade, o clima de disputa, classificação e premiação entre os alunos estava entranhado nas diversas atividades escolares, desde o aprendizado dos saberes até a conduta dos alunos, bem como nos jogos e em afazeres culturais e religiosos. Esse estímulo ao esforço ascético progressivo rumo à vitória tinha o seu limite no comportamento civilizado e no autocontrole perante a derrota, ou seja, “perder com dignidade” – como afirmavam os padres-professores.

A competição escolar era viabilizada por um sistema eficaz de classificação, que no Ginásio Catarinense implicava numa contagem específica de pontos, não prevista na legislação do ensino secundário brasileiro. Tratava-se de uma ressignificação jesuítica do sistema de avaliação, posta em prática nos colégios da Companhia de Je-

sus. Sobre essa questão, o Relatório do Ginásio Catarinense de 1941 faz um apontamento muito esclarecedor:

### PONTOS DE PROGRESSO

A tradicional contagem de pontos, que serve de base para a classificação, que segue, é inoficial e difere da contagem das médias e do conjunto que decidem a aprovação dos alunos, porque inclui no cálculo o comportamento, a aplicação, as notas de religião e dá valor igual às notas orais e às das provas parciais. A mesa dos professores achou por bem mantê-la para estimular a boa conduta dos alunos e sua assiduidade e constância no trabalho pelo ano todo e não só para o tempo das provas (RELATÓRIO, 1941, p.26).

A “maquinaria escolar” implementada no Ginásio Catarinense entendia que as “pausas do recreio” também concorriam para a maior produtividade do trabalho escolar. Durante o dia, além dos intervalos de dez minutos entre as aulas, havia os recreios maiores de manhã, ao meio-dia e de tarde, em que os alunos eram estimulados a participar de jogos. Nos recreios os alunos eram separados em “divisões” – maiores e menores – e por pertencimento ao internato ou ao externato, mas poderiam escolher o jogo de suas preferências, pois o importante era estar incluído na atividade desportiva. Em relação à função educativa dos jogos nos intervalos, em 1934 o cronista do colégio afirmou: “Para que nunca hasteasse o seu estandarte maldito o ócio, a origem de todos os males, todos deviam praticar os jogos que a prefeitura lhes oferecia. Para amenizar a imposição do jogo obrigatório, realizaram-se os tradicionais torneios e campeonatos” (RELATÓRIO, 1934, p.57-58).

Desta forma, nos intervalos das aulas os alunos realizavam “jogos de salão” e esportes individuais e coletivos, mas sempre nas suas divisões e sob a direção dos seus professores. Nas salas das divisões praticava-se, entre outros esportes, pingue-pongue, xadrez, dama, bilhar, dominó. Nos campos dos pátios, o esporte preferido, desde o início do colégio, era o futebol, em que os alunos formavam times que pertenciam às ligas das divisões. Havia disputas entre os times das divisões, que formavam as ligas internas de futebol, mas o clássico no Ginásio Catarinense era entre os alunos internos e externos da mesma divisão. O tênis – esporte de elite por excelência – teve o seu espaço importante entre os estudantes, mas nunca se tornou muito popular. Na década de 1930, foram introduzidos novos esportes coletivos, como o voleibol e o basquetebol, que se enraizaram e também criaram ligas nas divisões. No final de cada ano, o corpo diretivo do Ginásio Catarinense concedia prêmio aos campeões nas diversas modalidades em cada divisão, cujos nomes e às vezes as fotografias eram divulgados no relatório anual do colégio.

Os passeios e as festas escolares também eram momentos de ruptura da rotina do trabalho escolar. Os passeios eram realizados nos domingos ou em feriados, geralmente pelas divisões dos alunos internos, em vários pontos do município de Florianópolis, especialmente nas lagoas ou praias da Ilha de Santa Catarina. Com a fundação da chácara do Ginásio Catarinense, na década de 1920, no bairro Trindade, muitos passeios dos alunos foram realizados neste lugar rural. No entanto, os alunos internos realizavam excursões ou “viagens de estudo”, como em 13 e 14 de outubro de 1935 – após as terceiras provas parciais – para os municípios de Brusque e

Itajaí, onde visitaram respectivamente a fábrica de tecidos Carlos Renaux e as fábricas de fósforos de Antônio Ramos – pai de dois alunos do Ginásio Catarinense (GYMNASIO, 1935, p. 66-71). No ano seguinte, nos dias 22 e 23 de outubro, os internos fizeram viagem de estudos no Sul de Santa Catarina: em Imbituba visitaram uma fábrica de cerâmica e a fazenda-modelo da Empresa Lage e as obras do porto; em Lauro Müller conheceram a Carbonífera Barro Branco, inclusive com visita guiada a uma mina de carvão (BRUXEL, 1936, p.83-90). Além de serem momentos de descontração da vida regulada do internato, essas excursões também tinham o intuito de colocar os alunos em contato com o mundo produtivo.

As festas escolares eram realizadas por motivos cívicos, católicos ou jesuíticos. As festas cívicas faziam parte do calendário escolar brasileiro e eram realizadas com o propósito de alimentar a brasilidade, sendo ainda mais espetacularizadas durante o Estado Novo. O dia da emancipação política do Brasil, 7 de Setembro, era o principal momento de manifestação da nacionalidade por meio de desfiles e homenagens pátrias, que em Florianópolis sempre contava com a participação destacada do Ginásio Catarinense. Os outros feriados oficiais de caráter cívico, como o dia da Bandeira, o dia de Tiradentes e o dia do Trabalho eram rigorosamente seguidos no colégio dos jesuítas, mas às vezes eram ressignificados com motivos católicos. O feriado de 1º de Maio de 1937 foi assim registrado pelo cronista do ginásio: “O picnic impedido pela chuva foi substituído pela festa cívica com prêmios para todos. De noite o primeiro dos quatorze saraus marianos realizados neste mês em honra da Mãe celestial” (GYMNASIO, 1937, p.97). As festas católicas como a Páscoa, o *Corpus Christi* e o dia de Finados, que não deixavam de ser feriados nacionais, eram celebradas com regularidade e solenidade.

No entanto, as festas mais preparadas e celebradas no interior do Ginásio Catarinense eram aquelas vinculadas à cultura jesuítica, como a festa do encerramento do ano letivo, a festa de São Luís Gonzaga – padroeiro da mocidade –, festa de Santo Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus (31 de julho) e a festa do Padre Diretor. Nesses momentos festivos havia uma intensa programação cultural, que incluía declamação de poesias, discursos de alunos, apresentação de peças teatrais e musicais, projeção de filmes e jogos com premiação. A festa do Padre Diretor ocorria no dia do aniversário da autoridade máxima do colégio, sendo coroada pela apresentação de uma peça de teatro preparada com várias semanas de antecedência e às vezes apresentada novamente no colégio e outros locais. A festa do Padre Diretor em 27 de setembro de 1944, quando foi apresentado o drama “Macbeth”, de William Shakespeare, tinha a seguinte programação: “I – Hino Nacional. II. Saudação breve pelo Pe. Prefeito. III. Primeiro ato do drama. IV. Entre os atos música seleta” (RELATÓRIO, 1944, p.70). A apresentação de peças teatrais começou praticamente junto com os colégios jesuíticos, sendo prescrita na “Ratio Studiorum” devido ao seu valor educativo. Este aspecto foi sublinhado pelo cronista do colégio da seguinte forma:

No teatro, nas festas coletivas, acentua-se o trabalho individual inteligente pela coletividade, dando o valor real ao homem como tal e não descurando a importância que exige o bem comum, a coletividade.

Mas tem o teatro e as festas ainda outra finalidade mais próxima para o aluno que se prepara para a vida.

Educa-o para o trabalho, pois o aluno ator tem que prestar, além dos deveres escolares, um trabalho a mais, e de grande responsabilidade.

Educa-o a aparecer em público sem medo, desenvolve-lhe as qualidades oratórias, dicção apurada, a facilidade de expressão, é, enfim, um complemento útil e necessário para a formação integral e geral. (RELATÓRIO, 1939, p. 62)

A desenvoltura verbal pública dos alunos, própria das elites dirigentes, era trabalhada de forma sistemática no projeto educativo do Ginásio Catarinense. Neste sentido, é importante perceber que os alunos do último ano – os quintanistas – eram escalados para fazer discursos em cerimônias escolares. Devido ao intenso processo de seleção interna, a turma dos concluintes geralmente era formada por poucos alunos, que eram submetidos a públicos formados por alunos e professores e, geralmente, por pessoas das classes abastadas da cidade e às vezes o alto escalão do governo estadual. Os discursos dos quintanistas estão registrados nos relatórios anuais do Ginásio Catarinense, como no relatório de 1933; ali o cronista registrou, em 30 de maio, que, numa homenagem ao padre provincial, o aluno Geraldo Motta, da última turma do curso fundamental do ensino secundário, fez um discurso sobre a autoridade, considerada por ele “princípio básico de todo progresso e bem-estar” (RELATÓRIO, 1933, p. 74). Com a criação do curso complementar, em 1937, passou-se a preferir que os discursos dos dias letivos fossem feitos pelos alunos do segundo ciclo do ensino secundário.

Além das peças de teatro (clássicas e religiosas), o Ginásio Catarinense proporcionava aos seus alunos contato com outras atividades artístico-culturais que não estavam previstas no currículo oficial do ensino secundário brasileiro, como a aprendizagem de instrumentos musicais, o cultivo da música clássica, a assistência de filmes. Em relação à música, os padres jesuítas faziam uma clara opção pela música clássica européia e por seus principais instrumentos de execução na época, como piano, violino, violoncelo, tendo o regente de música do colégio afirmado o seguinte: “Graças ao entusiasmo dos professores e vários senhores da cidade como também de alguns músicos militares, também neste ano [1928] conseguimos manter-nos na altura da música clássica que foi sempre o nosso ideal” (GYMNASIO, 1928, p.70). Desde o início de seu funcionamento, o Ginásio Catarinense manteve a sua orquestra, dirigida por um padre jesuíta ou por outro músico, e a sua “schola cantorum”, que se apresentavam nas festividades culturais e religiosas no colégio e na cidade. Os alunos do internato tinham também contato com músicas por meio da vitrola, que era um equipamento de uso muito restrito na cidade Florianópolis.

A projeção de filmes educativos para os alunos, monitorados pela direção, ocorreu regularmente desde 1917, quando foi adquirido um aparelho cinematógrafo, que foi instalado no teatro do colégio, indicando a sua distinção social entre as escolas da cidade. No início da década de 1940, na época da Segunda Guerra Mundial, foram organizadas várias sessões de cinema com filmes fornecidos pelo Instituto Brasil-Estados Unidos, que certamente disseminavam a ideologia dos aliados e dos EUA. Os alunos internos eram autorizados a assistir filmes nos cinemas de Florianópolis, mas os padres prefeitos controlavam a programação cinematográfica. Em 1943, os internos assistiram, entre outros, os filmes “O Grande Ditador” e “Rosa d’Esperança”, ambos no Cine Ritz (RELATÓRIO, 1943, p. 64-65).

Entretanto, a aquisição de habilidades artístico-culturais era ainda mais trabalhada e refinada pelas congregações marianas – associações estudantis católicas – do Ginásio Catarinense. Havia no internato, desde 1909, duas dessas associações católicas: a Congregação Mariana Nossa Senhora da Glória, formada por alunos da Primeira Divisão; e a Congregação Mariana Nossa Senhora da Conceição, constituída por estudantes da Segunda Divisão. No ano seguinte foi instituída a Congregação Mariana Nossa Senhora do Rosário, destinada aos alunos externos da segunda divisão (DALLABRIDA, 2001b, p.182-184). Os congregados marianos formavam um grupo especial no educandário jesuíta, em razão das suas atividades e compromissos específicos, com destaque para a chamada “academia”, reunião festiva com ampla programação cultural, que ocorria em datas especiais como 31 de julho (dia de Santo Inácio de Loyola), 15 de agosto (dia de Nossa Senhora da Assunção) e 21 de outubro (dia do Congregado Mariano). No dia de Santo Inácio de Loyola de 1934, os congregados marianos do internato do Ginásio Catarinense realizaram uma academia festiva, com diversificadas e ricas atividades artísticas e culturais. O cronista anônimo fez o seguinte registro daquela reunião:

31 de Julho: Academia festiva dos Congregados constando duma bem elaborada conferência com projeções luminosas sobre S. Ignácio, pelo Diretor da Congregação; de poesias bem recitadas pelos senhores João Lobo Cherem e Lauro Uller; dum acalorado duelo oratório entre os quintanistas Paulo Raymundo Teixeira Mendes e Libino Griebeler defendendo um a forma monárquica de governo e outro a republicana; dum cinema divertido; de críticas hilariantes e espirituosas pelo quintanista Cely Regis e de alegres peças musicais interpretadas pelos senhores Gil Rochadel, Ary Silveira, Cely Regis e Julio César Schmitt (RELATÓRIO, 1934, p.60).

Enfim, o contato e o envolvimento dos estudantes com diversas atividades sociais e artístico-culturais proporcionadas pelo Ginásio Catarinense ajudavam a burilar o seu *habitus* burguês. Essas atividades estéticas procuraram inserir os alunos na alta cultura ocidental, proporcionando-lhes uma educação refinada, que os distinguia culturalmente no conjunto da população brasileira.

---

### *Considerações finais*

---

A cultura escolar burguesa de corte jesuítico presente no Ginásio Catarinense procurava orientar a conduta do corpo discente para o trabalho regular, estimulado pela emulação entre os alunos e cadenciado por pausas produtivas. O colégio dos jesuítas de Florianópolis antecipou práticas ginasiiais, como a seriação do conhecimento escolar e o disciplinamento corporal, problematizadas na década de 20 e oficializadas, em nível nacional, com os ares modernizantes da Revolução de 30. Especialmente a partir da Reforma Francisco Campos (1931) verifica-se intensa homogeneização da cultura escolar no ensino secundário, como parte integrante da normalização nacionalizada durante a “Era Vargas”. O ritmo disciplinante e burguês foi implementado, em Santa Catarina, inicialmente no Ginásio Catarinense; com o cres-

cimento do ensino secundário na década de 1930, porém, ele foi apropriado pelos outros ginásios instituídos nas principais cidades catarinenses, tanto confessionais como laicos.

No entanto, nas décadas de 1930 e 1940, o Ginásio Catarinense tinha distinção social em relação aos outros estabelecimentos de ensino secundário em Santa Catarina. Com a criação de dois ciclos do ensino secundário pela Reforma Francisco Campos – cursos fundamental e complementar – até a Lei Orgânica do Ensino Secundário (1942), somente o ginásio dos jesuítas da capital catarinense introduziu, em 1937, o “Curso Complementar Pré-Jurídico”, destinado àqueles alunos que desejavam ingressar nos cursos superiores de Direito. A criação desse curso complementar, realizada durante o governo Nereu Ramos, em boa medida ocorreu por causa da fundação da Faculdade de Direito, no início da década de 1930, na cidade de Florianópolis. Com a reforma do ensino secundário de 1942, quando foram criados os ciclos ginásial e colegial, somente o Ginásio Catarinense implantou, de imediato, as duas opções do segundo ciclo – os cursos científico e clássico. No início do ano seguinte, através do Decreto nº 11.235, de 6 de janeiro de 1943, o presidente da República autorizava o Ginásio Catarinense a funcionar como “colégio” e com os dois cursos do segundo ciclo do ensino secundário (RELATÓRIO, 1943, p. 11). A partir de então, o educandário dos jesuítas passou a se chamar “Colégio Catarinense” – nome que conserva até os dias de hoje. Em 1945, o seu time de futebol passou a se denominar “Colegial” e o novo jornal de seus estudantes foi chamado “O Colegial”.

O Ginásio Catarinense era procurado por famílias abastadas de Santa Catarina e de outros Estados brasileiros, especialmente Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro, o que indica o seu prestígio nas regiões Sul e Sudeste do Brasil. A grande maioria dos alunos do colégio era oriunda de famílias das classes dominantes catarinenses, como pecuaristas, empresários, grandes comerciantes e quadros administrativos de alto escalão de empresas privadas e de órgãos públicos. Sempre existiram alunos não-catarinenses no ginásio dos jesuítas de Florianópolis desde os seus primeiros anos, que geralmente pertenciam ao internato. Em 1944, o Ginásio Catarinense tinha 518 alunos, sendo 448 de Santa Catarina e 70 de outros Estados, com destaque para o grupo de gaúchos (30 alunos), cariocas (13 alunos), paulistas (8 alunos) e paranaenses (8 alunos) (RELATÓRIO, 1944, p.33). Na década de 1920, filhos das famílias paulistas Matarazzo e Scarpa foram alunos do internato do Ginásio Catarinense, sendo que Francisco Matarazzo Neto chegou a se formar em 1926 (DALLABRIDA, 2001b, p.223-243).

Até meados do século XX, o Ginásio Catarinense era uma instituição formal das elites dirigentes. Para tanto, além de seguir o currículo oficial do Colégio Pedro II, cujas “disciplinas-saber” eram voltadas às classes abastadas, como o aprendizado de várias línguas estrangeiras, do português castiço e de saberes científicos, o Ginásio Catarinense proporcionava aos seus alunos práticas esportivas, teatrais, jornalísticas, e sobretudo exercícios de oratória, que tinham o objetivo de formar quadros dirigentes masculinos para empresas privadas e poderes públicos. Em 1949, o diretor do Ginásio Catarinense afirmou: “Nós fazemos questão de formar uma elite, homens que se possam distinguir, homens que possam ser vanguardeiros e porta-bandeiras do progresso, da cultura e da civilização” (apud SOUZA, 2005, p.152). Tratava-se, pois, de educar adolescentes homens que viessem a assumir postos de comando nas instituições catarinenses e brasileiras. As adolescentes mulheres pertencentes às elites

catarinenses, como demonstrou Garcia (2006), eram instruídas e educadas especialmente no curso ginásial do Colégio Coração de Jesus, instituído na década de 1930.

A cultura escolar plasmada no Ginásio Catarinense na primeira metade do século XX, portanto, procurava produzir sujeitos regulados, empreendedores e refinados, do sexo masculino, particularmente aqueles que se preparavam para integrar a elite dirigente de Santa Catarina.

---

## Referências

---

- AIRES, Joanez Aparecida. **História da Disciplina Escolar Química**: o caso de uma instituição de ensino secundário de Santa Catarina 1909-1942. 2006. Tese (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica). Centro de Ciências da Educação – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**: seleção, organização, introdução e notas Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- BRUXEL, P. Arnaldo. Excursão dos Internos: Imbituba – Tubarão – Lauro Müller. In: RELATÓRIO do Gymnasio Catharinense. Florianópolis: Ginásio Catarinense, 1936. p.83-90.
- DALLABRIDA, Norberto. Moldar a alma plástica da juventude: a Ratio Studiorum e a manufatura de sujeitos letrados e católicos. **Educação UNISINOS**-Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, v.5, n.8, p. 133-150, jan./jun. 2001a.
- DALLABRIDA, Norberto. **A fabricação escolar das elites**: o Ginásio Catarinense na Primeira República. Florianópolis: Cidade Futura, 2001b.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- GARCIA, Letícia Cortellazzi. **Sobre mulheres distintas e disciplinadas**: práticas escolares e relações de gênero no Ginásio Feminino do Colégio Coração de Jesus. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História). Centro de Ciências da Educação – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.
- GYMNASIO SANTA CATHARINA. **Relatório do anno lectivo de 1914**. Florianópolis: Ginásio Catarinense, 1914.
- GYMNASIO CATHARINENSE. **Relatório**: publicado no fim do anno lectivo de 1928. Florianópolis: Ginásio Catarinense, 1928.
- GYMNASIO CATHARINENSE. **Relatório**: publicado no fim do anno lectivo de 1935. Florianópolis: Ginásio Catarinense, 1935.
- GYMNASIO CATHARINENSE. **Relatório**: publicado no fim do anno lectivo de 1937. Florianópolis: Ginásio Catarinense, 1937.
- IN Piam Memoriam. In: RELATÓRIO do Gymnasio Catharinense: publicado no fim do anno lectivo de 1926. Florianópolis: Ginásio Catarinense, 1926. p.5-9.
- JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, n. 1, p.9-43, 2001.
- KULESZA, Wojciech Andrzej. A cultura escolar católica no Brasil moderno. **Educação UNISINOS** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Uni-

- versidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, v.8, n.14, p.189-204, jan./jun./2004.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- MOREIRA, Edmundo Acácio. Entrevista concedida a Reinaldo João Pick. Florianópolis, 6.nov.1978.
- PILETTI, Nelson. Evolução do currículo do curso secundário no Brasil. **Revista da Faculdade de Educação**. São Paulo, v. 13, n. 2, p.27-72, jul./dez.1987.
- RELATÓRIO do Ginásio Catarinense. Florianópolis: Ginásio Catarinense, 1932.
- RELATÓRIO do Ginásio Catarinense. Florianópolis: Ginásio Catarinense, 1933.
- RELATÓRIO do Ginásio Catarinense. Florianópolis: Ginásio Catarinense, 1934.
- RELATÓRIO do Ginásio Catarinense: publicado no fim do ano letivo de 1939. Florianópolis: Ginásio Catarinense, 1939.
- RELATÓRIO do Ginásio Catarinense: publicado no fim do ano letivo de 1941. Florianópolis: Ginásio Catarinense, 1941.
- RELATÓRIO do Ginásio Catarinense: publicado no fim do ano letivo de 1943. Florianópolis: Ginásio Catarinense, 1943.
- RELATÓRIO do Colégio Catarinense: publicado no fim do ano letivo de 1944. Florianópolis: Colégio Catarinense, 1944.
- RELATÓRIO do Colégio Catarinense: publicado no fim do ano letivo de 1945. Florianópolis: Colégio Catarinense, 1945.
- SCHROTH, P. Pedro. **Vocabulário para a leitura escolar alemã**. Florianópolis: Livraria Central, 1929.
- SOUZA, Rogério Luiz de. **Uma história inacabada**: cem anos do Colégio Catarinense. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2005.
- SOUZA, Rosa Fátima; VALDEMARIN, Vera Teresa (Orgs). **A cultura escolar em debate**: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- VARELA, Julia; ALVAREZ-URÍA, Fernando. **Arqueología de la escuela**. Madrid: La Piqueta, 1991. (Genealogía del poder, 20).
- XAVIER DE BRITO, Ângela. **“O saldo é positivo”**: cultura escolar católica e socialização das elites femininas brasileiras, 1920-1970. Paris: CERLIS-CNRS, 2005.